

A cultura avançada dos *Índios* brasileiros

Antes de Cabral, eles usavam roupas, faziam comércio, tinham aldeias grandes e complexas e escreviam com sinais em rochas

PABLO NOGUEIRA
pdiogo@edglobo.com.br

Roupa de festa
Chefe de tribo munduruku,
segundo o pintor Hercule
Florence (séc. 19)

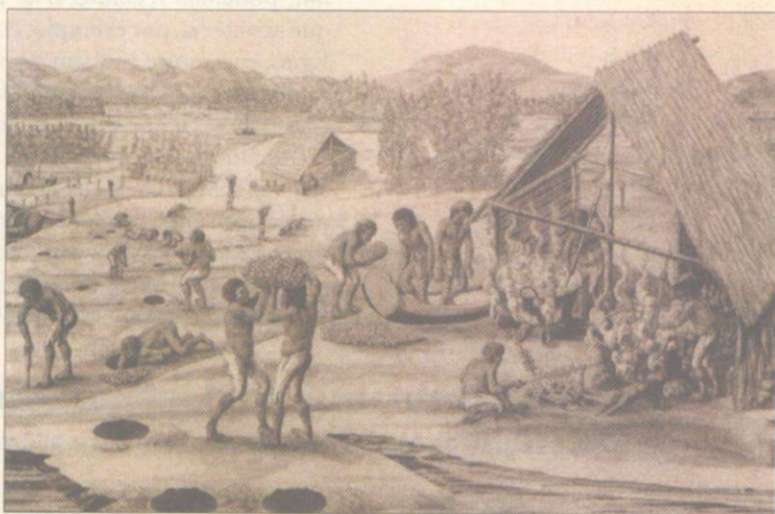


O desenvolvimento cultural dos índios antes do Descobrimento foi muito maior do que a maior parte dos brasileiros imagina. Novas pesquisas em história, arqueologia, botânica e ecologia mostram aldeias com quilômetros de extensão e populações que chegavam à casa dos milhares. Em algumas, os habitantes usavam roupas, faziam expedições comerciais a centenas de quilômetros e alteravam até a vegetação da floresta. E, como sugerem alguns arqueólogos, já tinham uma proto-escrita, um estágio primitivo da comunicação com símbolos.

A história desses índios começou a ser escrita pelos mesmos europeus que levariam aquele mundo à ruína. Nos séculos 16 e 17, exploradores se embrenharam no Rio Amazonas atrás de terras, escravos e tesouros mitológicos, como o El Dorado. Mas as expedições não encontraram as riquezas lendárias; o que trouxeram de mais precioso foram os relatos sobre o que encontraram.

Durante duas décadas, o historiador da USP Antônio Porro mergulhou em documentos sobre essas explorações: cartas, mapas e mais de uma vintena de relatos, muitos traduzidos para o português pela primeira vez por ele mesmo. Neles, os viajantes contam que as terras às margens do Amazonas eram organizadas em “províncias” pertencentes aos diferentes povos. Porro recuperou referências a várias delas: aricana, aparia, arimocoa, onia-guayal, paguana, machiparo, num total

de pelo menos 15, espalhadas por centenas de quilômetros; a dos omáguas chegava a 700 km de comprimento. Nela, o espanhol Altamirano encontrou aldeias “com mais de 6 mil índios”. Seu colega de aventuras, Gaspar de Carvajal, fala assim da província dos machiparos: “não havia de uma aldeia a outra mais do que um tiro de balestra, e houve aldeia que durou cinco léguas sem interrupção”. Também o impressionou a beleza da cerâmica, especialmente a de uma aldeia que batiza de aldeia da louça: “é a mais bela que já se viu no mundo”, elogia.



Teria havido influência de outras culturas, como a inca, do Peru, nos índios da Amazônia? Não, mas exatamente o contrário, disse a **GALILEU** a arqueóloga americana Anna Roosevelt: “Os indícios mostram que a cultura amazônica é que chegou ao sopé dos Andes”, diz a pesquisadora. De fato, estudiosos apontam ocorrências de imagens de cobras e de onças em áreas próximas ao território inca.

Dieta variada
Muras fazem manteiga de ovo de tartaruga, em ilustração de Alexandre Rodrigues Ferreira (séc. 18)

Aldeias não eram isoladas: usavam uma complexa rede viária, trocavam comida, cerâmica, enfeites e até escravos

Esses vastos territórios eram governados, cada um, por um poder central diferente. "Governam-se por principais (os chefes tribais) nas aldeias e no meio dessa província, que é dilatada (ou seja, extensa), há um rei deles a que todos obedecem em grandíssima sujeição e lhe chamam Turucari, que quer dizer o seu Deus e ele por tal se tem", escreveu em 1662 o português Maurício de Heriarte. O relato do enterro de um desses líderes, nos arredores de Manaus, diz que sua esposa e seu amante masculino foram mortos para acompanhar o chefe na sepultura. "Em escala menor, podemos reconhecer aí algo similar ao que acontecia, por exemplo, com os faraós do Egito, cuja morte também acarretava a matança de outras pessoas da corte. É uma demonstração de poder pessoal", avalia Porro.

As aldeias de uma mesma província, por sua vez, não eram isoladas umas das outras, mas viviam em constante comunicação graças a uma rede de caminhos que cortam a várzea e a floresta. "Os caminhos eram largos e bons, feitos à maneira dos incas do Peru, exceto pe-

las paredes (corrimões)" e a cada três léguas havia "pousadas com índios de serviço para os viajantes que iam das províncias de machiparos e de outras regiões próximas para a terra a dentro", relata Altamirano. Por esses caminhos funcionavam redes comerciais que beneficiaram até os conquistadores holandeses.

Os vestígios dessa Amazônia grandiosa e desaparecida estão sendo desenterrados por uma nova geração de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Tradicionalmente, a arqueologia latino-americana considera a região andina como a única onde havia um grau de desenvolvimento considerável antes da chegada dos europeus. "Mas agora estão surgindo evidências que confirmam a existência de sociedades complexas na Amazônia brasileira", diz o arqueólogo Eduardo Neves, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Os primeiros sinais surgiram, na verdade, já na década de 20. O alemão Curt Unkel (que preferia ser chamado pelo nome indígena de Nimuendaju) encontrou na região de Santarém, no Pará, restos de estradas ligando antigas aldeias indígenas. Mas só na década de 80 a arqueóloga americana Anna Roosevelt conseguiu chacoalhar o debate ao comprovar que a região de Santarém era habitada há 11 mil anos, e faziam objetos de cerâmica desde pelo menos 6000 a.C.

O mapa de um mundo desaparecido

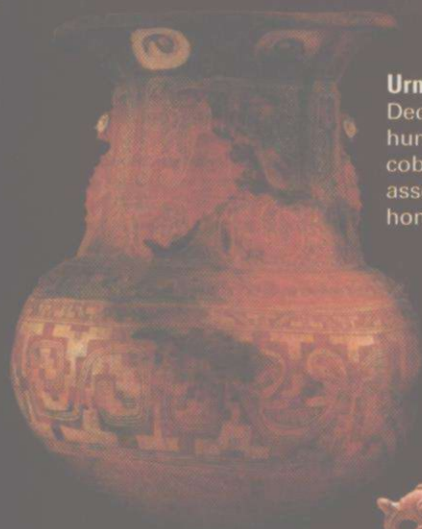
Até 1650, a região do Médio Amazonas ainda abrigava várias das "províncias" descritas pelos viajantes



Urna Marajoara
Os chefes tinham urnas ricamente decoradas

A sofisticada arte indígena pré-colombiana

Estudo da cerâmica traz pistas sobre como viviam os antigos povos da Amazônia



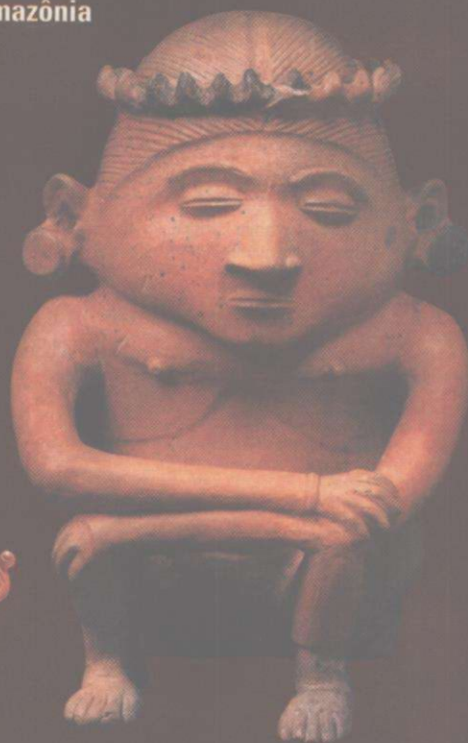
Urna marajoara

Decorada com rostos humanos e figuras de cobras e lagartos, mostra a associação mitológica entre homens e esses animais



Vaso de cariátides

Exemplo da sofisticada cerâmica da região de Santarém. Cariátides são as figuras femininas na parte de baixo



Estátua tapajônica de um chefe

As figuras sentadas estão associadas com poder, e são um dos indícios da existência de cacicados em Santarém



Tigela tapajônica

A decoração mostra cobras na parte interna e morcegos e cachorros-do-mato nas bordas



Urna no estilo guarita

Assim como a marajoara, o estilo guarita faz parte da tradição de cerâmica pintada amazônica, mas sua idade, tecnologia e padrão decorativo são bem diferentes

Índios amazônicos realizaram grandes alterações em seu meio ambiente, que teriam chegado a 10% da floresta

A cerâmica de que fala Roosevelt é considerada a mais antiga das Américas. Ela trabalhou também na Ilha de Marajó, onde estudou os tesos, morros artificiais com mais de dez metros de altura, e propôs que eles foram construídos por uma população que talvez ultrapassasse os 100 mil habitantes, que se alimentariam de milho e seriam governados por um sistema político que era um tipo de cacicado, bem mais complexo do que aquele em que vivem os índios brasileiros hoje.

Em 1995, Neves foi para outra região, o Médio Amazonas, disposto a encontrar mais sinais dessa complexidade. Trabalhando nos arredores de Manaus, detectou mais de 40 sítios arqueológicos e escavou quatro deles. Encontrou vestígios de aldeias com dois quilômetros de comprimento e área de mais de 15 hectares. A grande população, estimada em mais de 5 mil pessoas, pode ser inferida, entre outras coisas, por dois fatores: uma imensa quantidade de cerâmica — de um único buraco foram extraídos mais de 1.200 cacos de cerâmica pintada — e o volume de terra preta, um tipo de solo que é produzido pela ocupação humana. O estilo de cerâmica que Neves recuperou é encontrado também em diversos sítios na Amazônia, o que sugere ter existido uma extensa rede de contatos entre as tribos, desde a nascente até a boca do Amazonas. Mas nem sempre eram contatos pacíficos. “Encontramos grandes valas servindo como barreiras entre as aldeias e a floresta. Deviam ser sociedades extremamente guerreiras”, avalia Neves.

Já a arqueóloga Denise Gomes, também do MAE, se dedicou a analisar a cerâmica encontrada na região de Santarém, que impres-

siona os especialistas pela grande quantidade e pela padronização das peças. “Para produzirem tantas peças, deveria haver artesãos especializados, como numa pequena fábrica”, analisa. Agora Denise realiza escavações no sítio arqueológico de Parauá, a 150 quilômetros de Santarém. Seu foco continua na cerâmica. “Encontramos um estilo copiado do de Santarém, o que mostra que devia haver uma rede de trocas entre os dois locais”, diz. O desenvolvimento talvez não fosse privilégio de quem vivia próximo aos rios.

Lições ecológicas

No Xingu, um dos afluentes do Amazonas, o americano Michael Herckenberger encontrou, bem longe da várzea, restos de uma aldeia de 50 hectares, dez vezes maior que uma aldeia atual. “As datações mostram que a região teve uma ocupação contínua desde o ano 900. Isso mostra que mesmo as tribos da terra firme alcançavam grande número de componentes”, explica Herckenberger.

Além dos grandes sítios arqueológicos e da cerâmica em profusão, a complexidade das antigas sociedades amazônicas está sendo revelada pelo estudo da natureza. O antropólogo americano William Balée, da Universidade de Nova Orleans, analisou a diversidade de espécies de plantas na região norte do Mara-

Estátuas gigantes e

A arqueóloga Erika Robrahn-Gonzalez descobriu dois dos mais interessantes sinais de desenvolvimento cultural dos índios antes de Cabral. Um deles é um monumento em pedra de três metros de altura, em forma de cabeça de cobra, encontrado no Rio Tocantins, 50 km ao norte de Palmas. Pela sua posição, parece que servia como marco, indicando o território de uma tribo — outra novidade em relação ao que se conhecia até agora sobre os índios brasileiros. A forma de cobra pode ser uma alusão à Cobra Grande, mito comum entre as tribos amazônicas.

Trajes de algodão

Guerreiro omágua em túnica pintada com pincel, ilustrado por José Joaquim Freire (séc. 18)



nhão, próximo ao Xingu, e concluiu que a ação humana é responsável por criar pelo menos 10% da Floresta Amazônica. Ele também fez estudos na região do Beni, na Amazônia boliviana, que reforçaram sua crença no fato de que os índios influenciaram decisivamente aquele que muita gente imagina como um dos ecossistemas mais “preservados” do mundo. “Não se pode entender a ecologia da Amazônia sem levar em conta o impacto causado pelas grandes populações”, diz Balée, que chega a usar o termo “florestas culturais” para se referir à ação humana. Já Anna Roosevelt analisa a história das relações homem-natureza para tirar lições para o presente: “Hoje toda a política de conservação é determinada por pessoas que ficam fora da Amazônia, nos governos e nas grandes ONGs”, diz a pesquisadora. “O passado ensina que quanto mais as decisões sobre uso da floresta forem tomadas por poderes centralizados e distantes do dia-a-dia da população, maior será a destruição.”

Teses contrárias

Eduardo Neves se arrisca a combinar as diferentes evidências numa interpretação global. “Acho que houve um desenvolvimento inicial na foz do Amazonas que começa a se espalhar rio acima pelo século 4. Mas os marajoaras não teriam conquistado

as demais tribos: foi uma migração de cultura, de idéias”, analisa.

Só que para a arqueologia mais tradicional, a existência de grandes sociedades na região seria impossível, e os relatos dos viajantes não passariam de exagero, na melhor das hipóteses. Essa visão vem desde os anos 60, quando chegou ao país a arqueóloga americana Betty Meggers. A partir do seu trabalho no Brasil e no Equador, Meggers escreveu o livro “Amazon: Man and culture in a counterfuit paradise” (Amazônia: Homem e cultura num falso paraíso). Nele argumenta que as difíceis condições de vida na floresta impediram o surgimento de grandes populações. Os índios não possuiriam chefia centralizada nem morariam mais do que alguns anos num mesmo lugar. Cientistas das duas correntes discutiram na última reunião da Sociedade Brasileira de Arqueologia, em 2001, sem que nenhum dos lados tenha convencido o outro.

Mesmo assim, continuam surgindo novidades. Só este ano foram descobertos 24 vasos e urnas bem conservados num sítio perto de Manaus. “Estavam bem na região onde Carvajal descreveu a aldeia da louça”, relata Carlos Augusto da Silva, do Museu Amazônico de Manaus. Para nós, a maravilhosa viagem que encantou os descobridores do Amazonas está apenas começando. 

Anote

Para navegar

■ Projeto Amazônia Central
<http://intermega.globo.com/amazoniacentral>

Para ler

- “As Crônicas do Rio Amazonas”, Antônio Porro. Ed.Vozes. Petrópolis. 1992
- “O Povo das Águas”, Antônio Porro. Ed.Vozes. Petrópolis. 1996
- “História dos Índios do Brasil”, Manuela Carneiro da Cunha. Cia.das Letras. São Paulo. 1992
- “Cerâmica Arqueológica da Amazônia”, Denise Gomes. Edusp. São Paulo. 2002

Foto: tablita, Kleide Teixeira; pedra/cobra, Erika González

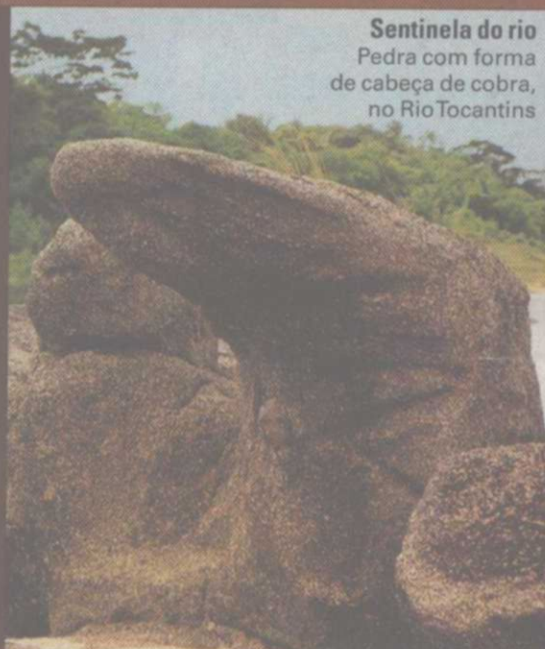
proto-escrita

O outro objeto é um pequeno pedaço de pedra polida encontrado na Bahia, num sítio tupi, datado de 1450. Chamada de **tablita**, ela tem em sua superfície caracteres que sugerem protoescrita, um dos estágios iniciais no uso de símbolos para registrar idéias. Erika ressalta que até agora não havia registro de que tupis usassem símbolos para decorar objetos de pedra polida. Geralmente o material é usado para fazer ferramentas:



machados, raladores, amassadores. Esse padrão sugere que a tablita e seus desenhos também tivessem um

uso específico. “Ela foi construída apenas para transportar símbolos entre as pessoas. Peças semelhantes foram usadas na Antiguidade Clássica”, compara. Estariam os índios prestes a desenvolver a escrita? “Não podemos afirmar isso. Precisamos encontrar mais objetos para ter uma visão mais clara de como eles usavam os símbolos”, diz Erika com cautela.



Sentinela do rio

Pedra com forma de cabeça de cobra, no Rio Tocantins